

A MANIFESTAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Guilherme Lourenço¹

RESUMO: Desde a década de 1960, com o reconhecimento do *status* linguístico das Línguas de Sinais, diversos trabalhos em diferentes áreas de pesquisa vêm sendo desenvolvidos a fim de melhor descrever essas línguas. No que se refere aos estudos em Linguística Formal, tem-se uma produção considerável de pesquisas no âmbito da fonologia, da morfologia e da sintaxe, tanto em ASL (*American Sign Language*) quanto em diferentes línguas sinalizadas ao redor do mundo. Sob essa perspectiva, o presente artigo objetiva discutir o fenômeno da concordância nas Línguas de Sinais, que é certamente uma agenda importante dos estudos morfossintáticos sobre essas línguas. Nesse sentido, é apresentado o mecanismo de estabelecimento de referentes pronominais no espaço, assim como a realização morfológica da concordância nas línguas de sinais. Em seguida, discute-se o estatuto teórico da concordância nessas línguas e, por fim, apresenta-se uma proposta de integração das informações espaciais ao sistema linguístico.

Palavras-chave: Libras; Gramática das línguas de sinais; Concordância.

THE MANIFESTATION OF AGREEMENT IN SIGN LANGUAGES

ABSTRACT: Since the 1960s, when there was a recognition of the linguistic status of Sign Languages, many works in different research areas have been done in order to provide a better description of these languages. Considering the studies on Formal Linguistics, there has been produced a considerable amount of research on phonology, morphology and syntax; not only about ASL (*American Sign Language*), but also about many different sign languages around the globe. Thus, this article aims at discussing the manifestation of an agreement in Sign Languages, which is certainly an important agenda within the morphosyntactic studies of these languages. In this sense, it is presented the mechanism of the establishment of pronominal referents in space, such as the morphological realization of the agreement in Sign Languages. Then, we discuss the theoretical status of agreement in these languages; and, finally, we present a proposal to integrate the spatial information and the linguistic system.

Key-words: Libras; Sign Language grammar; agreement.

¹ Professor assistente no Departamento de Português, Linguísticas e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (IL/UnB). Mestre em Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (Poslin-UFMG). Brasil. glourenco.souza@gmail.com

Introdução

Desde a década de 1960, com o reconhecimento do *status* linguístico das Línguas de Sinais a partir dos trabalhos de Stokoe e colaboradores (1960, 1965), diversos trabalhos em diferentes áreas de pesquisa vêm sendo desenvolvidos a fim de melhor descrever essas línguas. No que se refere aos estudos em Linguística Formal, tem-se uma produção considerável de pesquisas no âmbito da fonologia, da morfologia e da sintaxe, tanto em ASL (American Sign Language) quanto em diferentes línguas sinalizadas ao redor do mundo.

Dentre os diferentes fenômenos já estudados, um dos assuntos mais discutidos em termos de morfossintaxe das línguas de sinais é a manifestação da concordância nessas línguas. O tema tem ganhado destaque uma vez que um sistema de concordância foi atestado em diferentes línguas de sinais ao redor do mundo, além do fato de a concordância nas línguas sinalizadas ser uma concordância espacial.

Considerando a relevância do tema para os estudos linguísticos das línguas de sinais, o presente artigo objetiva discutir o fenômeno da concordância nas línguas sinalizadas, além de apresentar algumas propostas de análise correntes. Para isto, o presente trabalho está organizado em seis seções. Na primeira seção, é apresentado o mecanismo de estabelecimento de referentes pronominais no espaço. Em seguida, na segunda seção, discuto a concordância que se realiza morfologicamente nas línguas de sinais. Na terceira seção, são apresentados os diferentes padrões de concordância presentes na Língua Brasileira de Sinais. A quarta seção destina-se a discutir o estatuto teórico da concordância nas línguas de sinais, enquanto na quinta seção tem-se uma proposta de integração das informações espaciais ao sistema linguístico. Por fim, na seção seis, algumas considerações finais serão apresentadas.

1. O estabelecimento de referentes no espaço

Nas Línguas de Sinais, cada nominal é associado a uma localização específica no espaço de sinalização. Essa associação pode se dar por meio da apontação (*pointing*) em direção a um ponto específico no espaço, por meio da direção do olhar ou ainda ao se realizar o sinal naquele ponto específico. Nesse sentido, o espaço é utilizado nas línguas de sinais para o estabelecimento de referentes.

É preciso, entretanto, esclarecer que o uso desse espaço não se dá de forma caótica. As línguas de sinais apresentam uma sistematização em que são considerados (i) a pessoa do discurso e (ii) se o referente se encontra presente ou não no momento da enunciação.

A primeira distinção refere-se à pessoa do discurso. A literatura acerca do assunto assume que a maioria das línguas de sinais faz uma distinção entre 1ª pessoa e não-1ª pessoa. Assim, ao se fazer referência à 1ª pessoa, aponta-se diretamente para o peito do sinalizador², conforme pode ser visto na Figura 1.

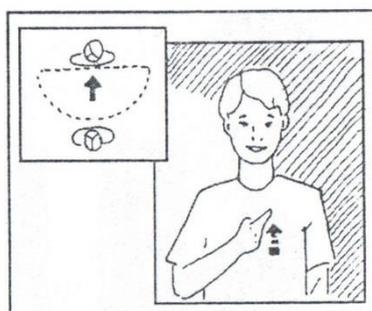


Fig. 1. Forma pronominal: 1ª pessoa do singular (QUADROS E KARNOPP, 2004: 131).

Já as outras pessoas do discurso são associadas a pontos distintos do espaço. Ao definir o ponto em que será estabelecido o referente, as línguas de sinais ainda fazem a distinção se esse referente encontra-se presente no momento da enunciação ou não. Caso o referente esteja presente, aponta-se diretamente para o local que o referente ocupa no espaço, ou seja, para a sua posição real.

Uma vez que a 2ª pessoa sempre se encontra presente fisicamente no momento da enunciação (modalidade oral), esta é sempre referida no espaço imediatamente à frente do falante, conforme pode ser visto na Figura 2. O fato de haver essa regularidade na forma em que se faz referência à 2ª pessoa levou alguns autores a discutirem se as línguas de sinais fazem ou não, na verdade, distinção entre 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa. Entretanto, essa posição teórica ainda é bastante debatida na literatura (para maiores detalhes, ver BERENZ, 2002).

² Nem todas as línguas de sinais marcam a 1ª pessoa por meio da apontação em direção ao peito do sinalizador. Por exemplo, a Língua de Sinais Japonesa e algumas línguas de sinais relacionadas marcam a 1ª pessoa do discurso tocando o nariz do sinalizador (Smith e Ting, 1979).

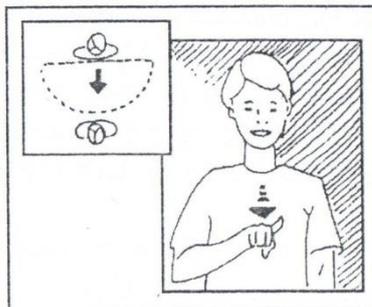


Fig. 2. Forma pronominal: 2ª pessoa do singular (QUADROS E KARNOPP, 2004: 131).

Finalmente, a 3ª pessoa é marcada ao se fazer referência à localização real do referente (caso ele esteja presente no momento da enunciação) ou ainda ao se atribuir um ponto abstrato específico no espaço de sinalização (no caso de um referente ausente). A Figura 3 ilustra o estabelecimento de um referente ausente por meio da apontação em direção a uma localização específica no espaço.



Fig. 3. Forma pronominal: 3ª pessoa do singular ó referente ausente (QUADROS E KARNOPP, 2004: 131).

Meir (2002: 419) afirma que *“devido à modalidade visual, cada nominal do discurso pode receber uma localização distinta e, portanto, cada localização contém informações suficientes para identificar unicamente seu referente”*³. Assim, de forma a diferir as localizações associadas a cada nominal, usaremos um índice subscrito após cada sintagma nominal, conforme o exemplo abaixo:

³ *“Because of the visual modality, each nominal in the discourse can be assigned a distinct location, and therefore each location contains enough information to uniquely identify a referent.”*

1) MARIA_a; JOÃO_b; etc.

2. A realização morfológica da concordância

A concordância nas línguas de sinais acontece quando a localização e/ou a direção do verbo é determinada pela localização espacial dos argumentos. Em outras palavras, o local em que o verbo é sinalizado é alterado para que este coincida com a localização dos argumentos que concordam com o verbo. É neste sentido que é afirmado que a concordância nas línguas de sinais é um processo morfológico não-concatenativo, uma vez que é resultado de uma mudança interna na raiz verbal. Mais especificamente, podemos considerar que a concordância faz com que haja uma alteração na estrutura de traços prosódicos do sinal, conforme o modelo de Brentari (1998).

Por exemplo, tem-se o sinal de AJUDAR que é um verbo que apresenta concordância com o sujeito e o objeto da sentença. Assim, se temos JOÃO e MARIA como argumentos do verbo AJUDAR e JOÃO é associado a um ponto no espaço e MARIA a um outro ponto, o verbo AJUDAR irá realizar uma trajetória de tal forma que o ponto inicial do verbo será o mesmo ponto em que foi estabelecido o sujeito JOÃO e o ponto final do verbo será o mesmo em que foi estabelecido o objeto MARIA. Para indicar essa trajetória do verbo, assinalaremos índices subscritos juntos ao verbo que coincidem com os índices utilizados em cada nominal que concorda com o verbo. Dessa forma, o índice utilizado à esquerda do verbo indica o ponto inicial da trajetória realizada por aquele verbo e o índice à direita indica o ponto final dessa mesma trajetória. A transcrição da sentença discutida anteriormente é dada em (2):

2) JOÃO_a AJUDAR_b MARIA_b

Ao analisar o mecanismo de estabelecimento de referentes nas línguas de sinais e também a forma como essas línguas marcam a concordância, uma importante questão surge acerca do *status* desse ponto específico do espaço utilizado. Afinal, o estabelecimento de referentes e a concordância são mecanismos linguísticos, mas como seria a integração dos sistemas linguísticos com essas informações espaciais? Será que esses ‘pontos no espaço’

estariam listados no léxico do falante? Como que o falante durante o processamento linguístico integraria a informação linguística com uma informação que é totalmente gestual?

Antes, porém, de passarmos a essas questões, vejamos alguns contextos de concordância na Língua de Sinais Brasileira (Libras).

3. Os diferentes padrões de concordância em Libras

Em primeiro lugar, é preciso destacar que os diferentes padrões de concordância encontrados nas línguas de sinais estão relacionados aos diferentes tipos de verbos. Assim, é possível dividir os verbos da Libras em duas grandes classes, conforme sugerem Quadros (1999) e Quadros e Quer (2008, 2010): os verbos simples e os verbos com concordância⁴.

Os chamados verbos simples não apresentam nenhuma marca morfológica de concordância. Alguns exemplos são dados a seguir⁵:

- 3) a. MARIA GOSTAR JOÃO.
 b. JOÃO DORMIR C-E-D-O TODO^DIA.
 c. ONTEM EU₁ SENTIR BEM NÃO.

O segundo grupo de verbos, os verbos com concordância, pode ser dividido em três subgrupos: verbos com concordância única, verbos com concordância dupla regular e verbos com concordância dupla reversa.

Os verbos com concordância única (*single agreement*) possuem um *slot* para concordância, ou seja, apresentam concordância apenas com um único argumento da sentença. Além disso, esses verbos concordam sempre com o objeto sintático, conforme os exemplos dados em (4):

- 4) a. MARIA_a ABANDONAR_b FILHO_b
 b. VOCÊ₂ ACARICIAR_b CACHORRO_b

⁴ Quadros (1999) e Quadros e Quer (2008, 2010) incluem na classe de verbos com concordância os verbos com concordância locativa. Porém, neste trabalho não serão contemplados os verbos com concordância locativa.

⁵ Optei por utilizar um sistema de notação em palavras para transcrever os sinais da Libras. Contudo, utilizei uma forma bastante resumida e simplificada desse sistema.

c. EU₁ CONSERTAR_b CARRO_b

Os verbos com concordância única nos remetem a uma característica presente em diferentes línguas de sinais: a concordância com o objeto é mais fortemente marcada nessas línguas do que a concordância com o sujeito. Lillo-Martin e Meier (2011) inclusive se referem a esse fenômeno como a primazia do objeto, especialmente no que diz respeito à opcionalidade da concordância com o sujeito. Em outras palavras, o que se observa é que a concordância com o objeto é sempre obrigatória, enquanto a concordância com o sujeito é opcional, podendo ser omitida⁶. Essa primazia do objeto fica clara ao observamos os verbos com concordância única: uma vez que o verbo possui apenas um *slot* de concordância, apenas a concordância com o objeto será realizada morfologicamente.

Já os verbos com concordância dupla regular são aqueles que apresentam dois *slots* para a concordância, ou seja, concordam com dois argumentos da sentença, em uma configuração *SUJ*VERBO*OBJ*. Em (5) são dados alguns exemplos.

- 5) a. MARIA_a AVISAR_b JOÃO_b
 b. EU₁ DAR₂ VOCÊ₂ LIVRO
 c. ONTEM VOCÊ₂ MOSTRAR₁ EU₁ LIVRO INGLÊS.

Finalmente, têm-se os verbos com concordância dupla reversa. Esse grupo de verbos também possui dois *slots* para a concordância, porém essa concordância é invertida. O movimento do verbo vai do *locus* do objeto para o *locus* do sujeito, emergindo o padrão *OBJ*VERBO*SUJ*. É preciso apontar que não há nenhuma mudança na ordem da frase. A sentença continua apresentando a ordem SVO, conforme se pode ver em (6).

- 6) a. MARIA_a CONVIDAR_a JOÃO_b FESTA CASA POSS_a

⁶ Em sentenças com verbos de concordância dupla, a concordância com o sujeito é, geralmente, opcional. Isso independe, inclusive, se o verbo apresenta concordância regular ou reversa. Os exemplos abaixo ilustram essa opcionalidade:

i. MARIA_a AVISAR_b JOÃO_b ii. MARIA_a CONVIDAR_(a) JOÃO_b
 Neidle *et al.* (2000) propõem um afixo de concordância neutro que é realizado nos casos em que há a omissão da concordância com o sujeito. Nesse sentido, as sentenças sem concordância com o objeto podem ser rescritas da seguinte forma:

i'. MARIA_a neu AVISAR_b JOÃO_b ii'∅ MARIA_a b CONVIDAR_{neu} JOÃO_b

- b. EU₁ bPEGAR₁ LIVRO_b
 c. VOCÊ₂ ESCOLHER₂ EU₁

Esse comportamento dos verbos em diversas línguas de sinais levanta uma série de questões acerca do funcionamento da concordância nessas línguas. Em especial, os verbos de concordância reversa têm ganhado destaque na discussão, uma vez que é preciso explicar o motivo desse comportamento invertido do verbo. Para uma discussão mais detalhada sobre os verbos reversos e uma proposta de derivação sintática para os mesmos, ver Souza (2014) e Souza e Duarte (2014).

4. Por um tratamento teórico da concordância nas línguas de sinais

A partir das questões levantadas no final da Seção 2, destaco aqui duas propostas de análise desse fenômeno: a análise do Locus-R (LILLO-MARTIN E KLIMA, 1990; MEIR, 1998, 2002; ARONOFF, MEIR E SANDLER 2005; LILLO-MARTIN E MEIER, 2011) e a análise de traços (RATHMANN E MATHUR, 2002, 2005, 2008).

A primeira posição teórica propõe que a localização no espaço associada a cada nominal é chamada de Locus-R(eferencial). Entretanto, dentro do sistema linguístico restrito, os nominais não seriam associados diretamente ao Locus-R. Na verdade, os nominais seriam associados a um índice referencial abstrato que, por sua vez, é uma variável do sistema linguístico. Essa variável, portanto, só receberia seu valor no discurso e sua realização dar-se-ia na forma de um ponto no espaço, o Locus-R. Assim, os Loci-R realmente são infinitos, uma vez que os pontos no espaço de sinalização também o são. Porém, o sistema linguístico só teria que lidar com o índice referencial abstrato e não com as diferentes possibilidades de Loci-R, evitando assim o problema de listar todos os pontos do espaço no léxico do falante.

Com relação à concordância, Aronoff, Meir e Sandler (2005) propõem que o índice referencial abstrato de cada nominal é copiado para dentro do verbo e, assim, o nominal e o verbo passam a compartilhar o mesmo Locus-R, conforme ilustra a sentença em (7).



Esse processo, de acordo com os autores, se assemelharia bastante à chamada concordância aliterativa, presente, por exemplo, no Suaíli (4), em que a marca de gênero $\text{-ki}\emptyset$ glosada como pertencente à classe 7, é copiada do nominal $\text{-ki-kapu}\emptyset$ *cesto* para os outros elementos da sentença, a saber: o adjetivo, o artigo e o verbo.

8) Corbett (1991: 117):

<i>ki-kapu</i>	<i>ki-kubwa</i>	<i>ki-moja</i>	<i>ki-lianguka.</i>
7-cesto	7-grande	7-um	7-cair

Um cesto grande caiu.

Rathmann e Mathur (2002, 2008), por outro lado, propõem que os nominais possuem os traços morfossintáticos de pessoa e número e que são esses traços que controlam a concordância. De acordo com os autores, os traços de pessoa e número são assim realizados:

9) Traços morfossintáticos (RATHMANN E MATHUR, 2008)

a. Pessoa

Primeira:	[+1]	no/próximo ao peito (marcado)
Não-primeira:	[ó1]	Ø

b. Número

i. Traços

Plural (coletivo):	[+pl]	arco horizontal (marcado)
Singular:	[ópl]	Ø

ii. Reduplicação: exaustivo (distributivo), dual

Conforme já observado, há dois traços de pessoa nas línguas de sinais. Assim, os nominais podem ser [+1] ou [ó1]. A primeira pessoa do discurso, conforme exposto anteriormente, é sempre sinalizada próximo ao ou no peito do falante, sendo assim a pessoa marcada com o traço [+1]. Em contrapartida, a segunda e a terceira pessoa do discurso são realizadas afastadas do peito do falante, seja no espaço a frente do sinalizador (2ª pessoa), seja num ponto abstrato do espaço (3ª pessoa). Por este motivo, a 2ª e a 3ª pessoa recebem o traço não marcado [ó1].

Já quanto aos traços de número, são considerados [+pl] e [ópl], sendo que o traço [+pl] é o marcado e, geralmente, realizado por meio de um movimento que segue a trajetória de um arco horizontal, em frente ao corpo do falante. Há ainda a questão da leitura distributiva que é dada, conforme sugere Rathmann e Mathur (2002, 2008), pela reduplicação da forma [ópl]. Entretanto, a leitura distributiva carece de maiores investigações, segundo os próprios autores.

É preciso destacar que a análise de traços considera que a concordância apresentada pelas línguas de sinais é controlada pelos traços presentes no nominal. Assim, a concordância não seria fruto de verbos que já são inseridos completamente flexionados na derivação e nem de um processo de cópia (concordância aliterativa).

A concordância é, então, derivada sintaticamente e o resultado das operações sintáticas envolvidas é enviado para *Spell-out* e realizado por um componente morfológico pós-lexical. Neste momento tardio de inserção de material morfológico é que ocorre a realização física e espacial da concordância.

Mas ainda fica a questão: como essas informações espaciais (vale lembrar que, conforme apontado anteriormente, até mesmo o fato de o referente estar presente ou não no momento da enunciação é levado em conta no momento do estabelecimento dos referentes no espaço) são integradas ou computadas pelo sistema linguístico? A esse questionamento, é dedicada a próxima seção.

5. A integração das informações espaciais com o sistema linguístico

Retomando a análise de traços de Rathman e Mathur (2002, 2008), tem-se que os pontos no espaço que são atribuídos a cada DP (realização física) não constituem propriamente o sistema linguístico. Na verdade, o sistema linguístico lida apenas com traços (pessoa e número). Desta maneira, as localizações (pontos) no espaço não são listadas no léxico, uma vez que isso causaria um grande problema de listabilidade (*listability*). Afinal, o falante teria que aprender todos os pontos existentes no espaço de sinalização e memorizá-los em seu léxico.

Rathmann e Mathur (2002) propõem então uma adaptação da arquitetura da linguagem do modelo de Jackendoff (1992). Consoante à arquitetura de Jackendoff (1992), há diferentes módulos que, por sua vez, possuem seus próprios primitivos e princípios de combinação e que ainda se organizam em subcomponentes (JACKENDOFF 1992: 31). Além disso, há regras de correspondência que ligam um módulo a outro. A adaptação proposta por Rathmann e Matur (2002) é apresentada na Figura 4.

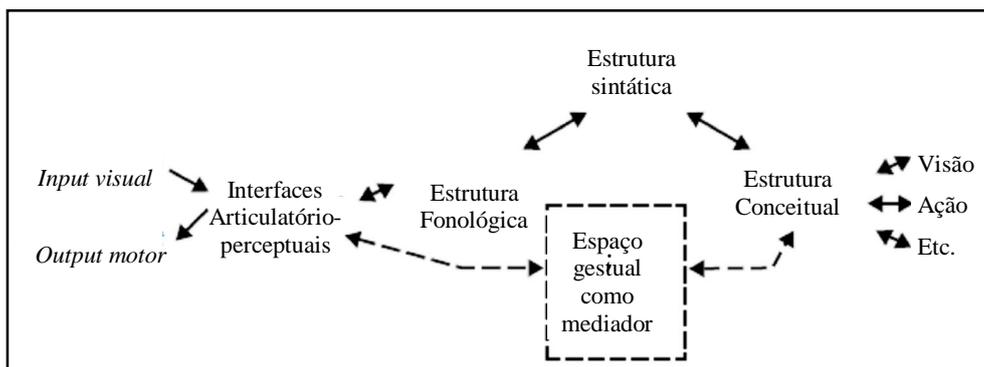


Figura 4. Arquitetura da linguagem adaptada de Jackendoff (1992) por Rathmann e Mathur (2002:387).

O modelo prevê que os nominais durante a derivação sintática são apenas marcados com os traços [+1] ou [ó1] e [+pl] ou [óp1]. O produto da derivação sintática seria então enviado às estruturas fonológica e conceitual. É na interface da estrutura conceitual com as interfaces articulatório-perceptuais que se encontra o espaço gestual. Esse espaço gestual é responsável, então, pela integração das localizações espaciais e dos elementos gestuais das línguas de sinais, como a dêixis, as relações espaciais e também informações do tipo forma e tamanho de um objeto, por exemplo.

Os autores propõem ainda que essa arquitetura não seria específica das línguas de sinais, mas que também as línguas orais fariam uso desse espaço gestual, o que corrobora com vários estudos sobre a relação entre gestos e linguagem oral (MCNEILL, 2000; KITA, 2000; DUNCAN, 2001; entre outros).

6. Considerações Finais

O presente artigo ocupou-se de discutir como a concordância é realizada nas línguas de sinais. Assim, viu-se que as línguas sinalizadas fazem uso de um mecanismo espacial para o estabelecimento de referentes. De modo que a cada referente é atribuído um ponto específico no espaço. A concordância ocorre quando a localização e/ou a direção do verbo é determinada pela localização espacial dos argumentos. Em outras palavras, o local em que o verbo é sinalizado é alterado para que este coincida com a localização dos argumentos que concordam com o verbo.

O fato de a concordância ser espacial levanta ainda questões de como o sistema linguístico lidaria com esses elementos especiais que são claramente de natureza não linguística. Duas propostas de análise foram então apresentadas: a proposta do Locus-R que postula um índice referencial a ser computado pelo sistema linguístico; e a proposta de traços que atribui aos traços morfossintáticos presentes nos nominais a função de controlar a concordância nas línguas sinalizadas. Vale destacar que ambas as propostas lidam com um sistema abstrato (índices ou traços) que é parte integrante do processamento linguístico, enquanto a localização espacial específica é atribuída a um momento posterior (enunciação no caso do Locus-R; e Spell-Out na proposta de traços).

Por fim, foi discutido como as informações espaciais se integrariam ao sistema linguístico. Para isto foi apresentada a proposta de Rathmann e Mathur (2008) que fazem uma adaptação da arquitetura da linguagem em que os pontos no espaço fazem parte do espaço gestual que faz uma mediação da estrutura conceitual e da estrutura fonológica com interfaces articulatório-perceptuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. The Paradox of Sign Language Morphology. In: *Language* 81. 2005, pp. 301-344.

BERENZ, N. Insights into Person Deixis. In: *Sign Language & Linguistics* 5(2). 2002, pp. 203-227.

BRENTARI, D.. *A Prosodic Model of Sign Language Phonology*. Cambridge, MA: MIT Press. 1998.

DUNCAN, S. Perspectives on the co-expressivity of speech and co-speech gestures in three languages. *Paper presented at the 27th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 2001.

JACKENDOFF, R. *Languages of the mind*. Cambridge, MA: MIT Press. 1992.

KITA, S. How representation gestures help speaking. In *Language and gesture*, ed. David McNeill, Cambridge: Cambridge University Press. 2000, pp. 162-185.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. Pointing out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. In: Fischer, Susan/Siple, Patricia (eds.), *Theoretical Issues in Sign Language Research*, Vol. 1: Linguistics. Chicago: University of Chicago Press. 1990. pp. 191-210.

LILLO-MARTIN, D.; MEIER, R. On the Linguistic Status of \neq Agreement \emptyset in Sign Languages. In: *Theoretical Linguistics* 37. 2011, pp. 95-141.

MCNEILL, D. Catchments and contexts: non-modular factors in speech and gesture production. In: *Language and gesture*, ed. David McNeill. Cambridge: Cambridge University Press. 2000, pp. 312-328.

MEIR, I. *Thematic structure and verb agreement in Israeli Sign Language*. Ph.D. dissertation, Hebrew University of Jerusalem, 1998.

MEIR, I. A cross-modality perspective on verb agreement. *Natural Language & Linguistic Theory* 20, 2002, pp. 413-450.

NEIDLE, C.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; BAHAN, B.; LEE, R. G. *The Syntax of American Sign Language: Functional Categories and Hierarchical Structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

RATHMANN, C.; MATHUR, G. Is Verb Agreement the Same Cross-modally? In: Meier, Richard/Cormier, Kearsy/Quinto-Pozos, David (eds.), *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 370-404.

RATHMANN, C.; MATHUR, G. Verb Agreement as a Linguistic Innovation in Signed Languages. In: Quer, Josep (ed.), *Signs of the Time: Selected Papers from TISLR 2004*. Hamburg: Signum, 2008, pp. 191-216.

SMITH, W.; TING, L. *Shou neng sheng qiao* [Your hands can become a bridge], Vol. 1. & 2. Taipei: Deaf Sign Language Research Association, ROC, 1979.

SOUZA, G. L. *Concordância, Caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista*. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) ó Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, G. L.; DUARTE, F. B. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Vol. 18 (1), Juiz de Fora, 2014.

Recebido em 11/11/2014.

Aceito em 14/12/2014.